



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT2 Africanidades e Brasilidades em Educação**

**NARRATIVAS DAS MULHERES DO CONGO COMO PRÁTICA DE  
RE/EXIS/TÊNCIA ECOLOGISTA E SEUS ATRAVESSAMENTOS  
COM COTIDIANOS ESCOLARES.**

Andreia Teixeira Ramos<sup>1</sup>

**Resumo**

A pesquisa problematizar narrativas das mulheres do congo como práticas de re/exis/tências ecologistas e cotidianos escolares com amparo das Leis 10.639/03 e 11.645/08. A metodologia se aproxima das perspectivas ecologistas de educação, das pesquisas com cotidianos, narrativas, conversas e com diário de campo. Até o momento, captamos narrativas das mulheres do congo, suas experiências dialogando com diferentes políticas cognitivas e de narratividade, com redes de conversações da vida cotidiana.

**Palavras-chave:** Narrativas ecologistas. Mulheres do congo. Cotidiano Escolar.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora substituta do Centro de Educação da Ufes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Sorocaba, São Paulo, Brasil. Agência de fomento CAPES. [andreatramos.ea@gmail.com](mailto:andreatramos.ea@gmail.com).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**Primeiros sons dos tambores e casacas do congo**

“O congo da alegria chegou, chegou, chegou...”

Toada de congo.

Com inspirações nos sons das casacas e tambores do congo<sup>2</sup> do Espírito Santo (ES), escrevemos este artigo, como primeiras travessias de uma pesquisa de Doutorado em Educação. Ressalto que o texto se afasta da pretensão de aprofundamento teórico nas relações étnico-raciais, entretanto é importante destacar, que o campo problemático da pesquisa se ampara na Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Base nº 9394 de 20 de dezembro de 1996, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica. Em 2008, a Lei 11.645 de 10 de março, incluiu a obrigatoriedade da História e Cultura Indígena.

Este texto aposta nas narrativas das mulheres do congo do estado do ES, como prática de re/exis/tência ecologista e seus atravessamentos com cotidianos escolares. Essas narrativas constituem as travessias da pesquisa de modo político, ético, estético, pedagógico, epistemológico e metodológico, no campo da Educação, desencadeando algumas problematizações: de que modo pensar, as narrativas das mulheres do congo do ES, que “vivem às margens” (REIGOTA, 2013) e “oprimidas” (FREIRE, 2014) na sociedade contemporânea, como práticas de re/exis/tências ecologistas e seus atravessamentos com cotidianos escolares?

Assim, o objetivo da pesquisa é problematizar as narrativas das mulheres do congo como práticas de re/exis/tências ecologistas e seus atravessamentos com cotidianos escolares.

A metodologia da pesquisa se aproxima dos estudos com os cotidianos (ALVES, 2010) e (FERRAÇO, 2003), e das perspectivas ecologistas de Educação com Reigota (1999), criando desconstruções, encontros, desencontros,

---

<sup>2</sup> Casacas e tambores são instrumento singulares das Bandas de Congo do ES. Disponível em: [http://www.ape.es.gov.br/espitosanto\\_negro/historia\\_congo.htm](http://www.ape.es.gov.br/espitosanto_negro/historia_congo.htm). Acesso em 06 de junho de 2015.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

reencontros, um fio puxando o outro, acompanhando travessias, conexões de redes com o campo problemático da pesquisa.

Pensando a perspectiva ecologista de educação com Reigota (1999), e com inspirações freireanas, apostamos e exercitamos o compromisso ético e estético, com atitude política de cidadania planetária, dialogando com as macro e micropolíticas que atravessam gestos, conversas, narrativas, cheiros, sons, afetos, amizades, tensões, conflitos, negociações, ideias, sentimentos, experienciais tecidas com os cotidianos da vida. Pensando com Reigota “Ecologistas é uma tentativa de explorar a formula Guattariana esboçada em “As três ecologias”, que considera como questões ecológicas não somente o meio ambiente, mas também as relações sociais e a subjetividade”. (1999, p. 15).

Como produção de dados usamos registros em diário de campo, fotografias, conversas e narrativas, produzidas nos encontros e experiências que atravessam as vidas das mulheres do congo, apostando em “diálogos amorosos” (FREIRE, 2014) com os sujeitos, exercitando a conversa, como procedimento metodológico e de descolonização dos modos de pensar e exercitar a produção de dados da pesquisa de campo.

Como procedimento metodológico, usaremos também narrativas “ficcionalis” (REIGOTA, 1999), como compromisso ético e pertinência temática para elaboração de cenários, identidades e de personagens ecologistas (REIGOTA, 1999, p.87)

Com as narrativas ficcionais pretendo trazer ao espaço público, principalmente aos locais de debate, de formação profissional e política e de elaboração de alternativas que possibilitem a concretização de uma estilo mais ecológico, pacífico, justo e prazeroso, momentos privados, de ideias, experiências e sentimentos que estão caracterizando a época em que vivemos. (REIGOTA, 1999, p.86)

São sujeitos praticantes (CERTEAU, 2008) da pesquisa, as mulheres do congo do ES, em grande maioria negras e indígenas, que re-existem e escapam aos modos colonizadores e opressores que subjagam esses grupos, suas estéticas



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

e modos de viver com o mundo. São também sujeitos da pesquisa, os habitantes que praticam os cotidianos escolares da região.

Continuando nossa conversa, nossa escolha pela metodologia das pesquisas com os cotidianos, se faz necessária, pois acreditamos que os cotidianos estão abertos aos imprevistos, não se enquadram e nem se aprisionam em modelos, não existindo um só caminho a seguir. Pensando com Ferraço (2003) os caminhos são complexos, acidentais e plurais.

Caminhos complexos, acidentais, plurais, multidimensionais, hierárquicos, fluidos, imprevisíveis, que se abrem e se deixam contaminar, permanentemente, pelas relações, pensamentos e imagens do mundo contemporâneo, enredando representações, significados e pessoas. Uma complexidade que não se esgota nunca e que, apesar de estar em todo lugar, não se deixa capturar. No máximo, ser vivida e com alguma dose de sorte, ser sentida. (p.103)

Nesse sentido, pensando com Alves (2001), a pesquisa com os cotidianos é um mergulho...

Buscar entender, de “maneiras diferentes” do aprendido, as atividades dos cotidianos escolares ou dos cotidianos comuns, exige que esteja disposta a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em “realidades” buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentido a variedade de gosto, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando odores que as “realidades colocam” a cada ponto do caminho diário. (ALVES, 2008, p. 19, “grifo nosso”)

**Aproximações com o campo problemática da pesquisa**

“Em favor de que estudo?

Em favor de quem?

Contra que estudo?

Contra quem estudo?”



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Paulo Freire (2009)

O campo problemático da pesquisa pousa no congo do ES, que foi, recentemente, oficializado como o primeiro patrimônio imaterial do estado. Congo que é uma prática cultural de resistência. O livro do professor, pesquisador, militante e intelectual negro, Cleber Maciel (2016) falecido em 1993, na sua segunda edição, traz importantes questões relacionadas ao congo. Destacarei aqui a relação do congo, como herança da memória africana, que chegou aos tempos atuais, graças ao esforço dos antepassados em conseguir, mesmo sob o domínio e o medo impostos pelos colonizadores, preservar sua dignidade cultural (MACIEL, 2016, p.147).

O congo é uma herança de memória africana que está presente em todo o Estado e em grande número de regiões da Grande Vitória e municípios do Norte. De acordo com Maciel (2016) as bandas de congos são grupos de pessoas que utilizam instrumentos sonoros muito simples, feitos de madeira oca, barris, taquaras, pele de cabra ou de boi, latas ou outros materiais. As bandas de congos usam tambores, bumbos, cuícas, chocalhos, ferrinhos ou triângulos de ferro e pandeiros.

Maciel (2016) destaca entre os instrumentos musicais utilizados no congo o reco-reco, também chamado de casaca, casaco, cassaca, cassaco ou canzaco. A casaca é um instrumento singular do congo capixaba.

Cleber Maciel (2016, p.151) cita os tambores como instrumento do congo que são tocados com as mãos, e, enquanto o tocador caminha, eles ficam pendurados a tiracolo e quando a banda de congo para em algum lugar para tocar, geralmente os batedores sentam-se sobre o tambor como que o cavalgando. Participam desses momentos pessoas de todas as idades.

Em relação a participação das mulheres no congo Maciel (2016, p.151-152) narra em seus escritos que elas, separadas em ala específica, sustentam os cantos, enquanto homens sustentam o ritmo. As pessoas da banda de congo participam das coreografias comandadas pelo organizador, às vezes chamado de



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Capitão. Uma ou mais mulheres vão à frente conduzindo uma ou mais bandeiras que traduzem a banda e o seu Santo Protetor.

Com as travessias da pesquisa chego nas mulheres do congo. A pesquisa pousa nas narrativas das mulheres do congo, apostando nessas narrativas, como práticas de re'existências ecologistas, que podem contribuir para descolonizar os pensamentos e aproximar o congo dos cotidianos escolares. Mulheres do congo que são dançarinas, cantadeiras, tocam casacas, tambores, levam as bandeiras e estandartes das bandas de congo. Mulheres do congo que trabalham, estudam, são aposentadas e cuidam de suas famílias. Mulheres do congo que são crianças, jovens, adolescentes, adultas e idosas. Mulheres do congo de todas as idades. Mulheres do congo que habitam as terras capixabas e encantam os cotidianos com suas toadas e cantigas de congo.

Desse modo, ressalto que o desejo de se aproximar das narrativas das mulheres do congo, se aproxima dos pensamentos de gênero e dos movimentos de pensar o feminismo da "senzala", um feminismo "periférico", feminismo das oprimidas, das mulheres que veem das margens, feminismos das mulheres pretas, pardas, indígenas, negras. Feminismo que se afasta da casa grande, que tenta furar os modos colonizadores e dominadores do patriarcado capitalista, machista, moralista, conservador, elitista, branco, eurocêntrico, imperialista...

Andam me acompanhando nessas travessias de pensar esse texto-tese-vida, três mulheres negras estadunidenses, Nina Simone (1968), com suas potentes letras e canções, bell hooks (2013), escritora, professora e intelectual insurgente e inquieta com sua energia inesgotável, e a brilhante acadêmica Angela Davis (2016), professora de filosofia e militante dos Panteras Negras. Além dessas mulheres do Norte, estou me aproximando das mulheres da América do sul.

No Brasil, dos escritos de Carolina Maria de Jesus (2014), que foi catadora de papel e viveu na favela do Carindé, em São Paulo. No Espírito Santo, da literatura de Suely Bispo (2016), atriz, dançarina, pesquisadora e poeta, e as protagonistas da pesquisa, as mulheres do congo do ES. Mulheres que re'existem, com devoção, fé, memórias e contribuem de modo político, ético, estético com seus



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

cantos e encantos entoados como práticas culturais de re'existência espalhadas pelas terras capixabas.

### **Narrativas das mulheres do congo**

“Mulheres do congo são guerreiras, unidas, lutadoras e muito fortes”

As mulheres do congo são “unidas, lutadoras e muito fortes”, essa narrativa nos lembra Freire (1987, p. 31), ao afirmar que, “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? ” Os “oprimidos” (FREIRE, 2014), “os que vem das margens” (REIGOTA, 2013), no nosso caso, são as mulheres do congo oprimidas, subalternas, mas também “guerreiras”... Para compor o texto compartilho fios das conversas tecidas com os cotidianos das mulheres “guerreiras” do congo...

Sou muito orgulhosa, de ser neta, filha e irmã de congueira, me sinto feliz de ser uma mulher congueira, estou aqui para lutar com elas para o que der e vier, com a fé de Deus.

Tenho orgulho de ser uma mulher do congo, sou nascida e criada no congo.

Temos que lutar pela cultura do congo, para nunca deixar morrer, é uma cultura forte e precisa ser valorizada.

É um divertimento ser mulher do congo. Quando a banda (de congo) saí para se apresentar, a gente conhecer lugares diferentes.

A gente viaja.

Eu praticamente nasci no meio do congo. Meus pais são do congo, aí eu fui crescendo vendo aquela cultura e fui me interessando pela cultura do congo. O congo é passado de pai para filho.

Vivo no congo desde a época do meu pai, agora a família toda é da banda, meus irmãos, minhas irmãs, netos, filhos. Se saímos a banda acaba. A fé no congo é ótimo.

É com muito orgulho que sou a primeira mulher mestre de congo.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Os pequenos fios das narrativas das mulheres do congo traduzem suas experiências, sentimentos que possibilita a descolonização e desconstrução dos pensamentos de modo ético, estético e político.

No desenrolar das conversas destaco outros fios das narrativas das mulheres do congo com seus modos de habitar e praticar os cotidianos escolares.

Eu já fui convidada para ministrar oficinas de máscaras de congo em uma escola particular, trabalhei lá como voluntária de um projeto.

Quando tem apresentação na escola, a gente vai junto com a banda, é o mestre que leva a gente.

Já trabalhei em uma escola como servente, mas as pessoas de lá nem sabiam que eu era do congo.

Fui merendeira de uma creche, uma vez a professora descobriu que eu era do congo e me disse que ia fazer um dever com as crianças sobre isso, mas eu não participei.

As narrativas das mulheres do congo nos fazem pensar e problematizar, que saberes “poderíamos aprender com os oprimidos com aqueles que vêm das margens” (REIGOTA, 2013)? Como poderíamos produzir narrativas descolonizadas nos cotidianos escolares com as mulheres do congo. Assim, é preciso lutar para descolonizar nossos pensamentos, como nos ensinou Freire (2014), que acreditava “nos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam. ”

Continuamos na luta...com a pesquisa produzimos também narrativas ficcionais. Para este texto, apresentaremos “Maria” inspirada na composição de Milton Nascimento e Fernando Brant (2004) “Maria, Maria, é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece, viver e amar, como outra qualquer do planeta...” Vamos as narrativas ficcionais. Mulheres do congo em Cena. Para nos acompanhar neste texto, gostaria de apresentar Maria.

**Muito prazer, Maria.**

“...Maria, Maria, é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte e lenta...”



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Apresento Maria, mulher negra de 40 anos, filha de mãe com traços indígenas, pai negro e de família simples. Sua mãe cuidou praticamente sozinha das três filhas e de um filho, pois o pouco que o pai semianalfabeto ganhava como pedreiro ou como encanador industrial, era absorvido pelos bares e na vida mundana. Maria cresceu brincando no chão entre formigas e com sua Vovó “Dindinha”, gostava de se banhar no Rio Manguaraí em Santa Leopoldina, sentir as brisas da ponte Rio-Niterói no arrebol dos passarinhos, e beber chás de ervas compartilhados com afetos familiares. Maria faz de tudo um pouco, trabalhou como faxineira, servente, diarista, cozinheira, merendeira, garçonete, manicure... Atualmente trabalha como manicure e conhece bem os salões de beleza da cidade. Ela também atende, clientes à domicílio e nas horas de “folga”, atende na sua própria casa. Maria é neta de mestre de congo e desde menina, participa do Carnaval de congo de máscaras, em Cariacica, junto com toda família e amigos.

**Maria mulher do congo em diferentes espaços de convivências....**

“...De uma gente que rí, quando deve chorar e não vive, apenas aguenta...”

Maria juntou dinheiro para participar de uma excursão à uma cachoeira em Santa Leopoldina. No centro da cidade o ônibus parou e Maria avistou um banner com o rosto de uma mulher negra, também de nome Maria. “As faces de Maria” era o nome da exposição, dedicada a essa outra Maria, mulher coveira, mestra de caxambu, parteira, benzedeira, divorciada e criou seus filhos sem a ajuda do pai das crianças. Maria se reconheceu nas faces e histórias de vida dessa outra Maria. Apesar da correria dos cotidianos, Maria continua a participar da banda de congo junto com os familiares e amigos, acompanhando a banda nas apresentações de congo. Foi assim que Maria conheceu a Universidade Federal do Espírito Santo, ficando encantada com o lugar, que até então, só ouvia falar pela televisão. Na volta para casa comentou com uma prima do congo “engraçado, quase não vi negro naquele lugar, porque será? Um monte de gente branca”...

**Maria mulher do congo com os cotidianos escolares...**



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

“...Mas é preciso ter força, é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre...”

Maria tem dois filhos e uma filha de gestação de pais diferentes. O de 9 anos está no 5º ano na escola municipal da região, o outro de 16 anos está na escola estadual de ensino médio, e a pequena menina de 4 anos estuda na escola municipal de educação infantil do bairro. A filha participa da banda de congo mirim da escola. A menina é dançarina. Dança de tudo, funk, arrocha e os hits do momento. O filho do meio também participa da banda de congo da escola, e o filho mais velho não gosta de congo, por quê tem vergonha de dizer que é neto de congueiro e por quê alguns colegas da escola acham que congo é “macumba”... “Coisa de macumbeiro”.... Maria tenta acompanhar as turbulências dos cotidianos escolares dos filhos e da filha. “...Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria, mistura a dor e a alegria...” Maria mulher do congo com suas geografias agitadas, re/existe com “dor e alegria” as opressões e indiferenças cotidianas.

Maria fica por aqui, mas permanece e continua sempre por aí, re/existindo. E as narrativas das mulheres do congo continuam movimentando, descontruindo, ventilando e respirando pensamentos. Narrativas que nos fazem exercitar e praticar a pesquisa com os cotidianos, com olhares atentos, sentindo cheiros e mergulhando nos gestos.

As narrativas das mulheres do congo se constituem como práticas de re/exis/tências ecologistas, como invenção de si e do mundo, que emergem entre conflitos e coletividades com as redes de conversações, atravessadas por territórios, com desvios, potencializando fluxos, tensões, negociações, conversas com os habitantes dos cotidianos escolares. E as conversas com as mulheres do congo não param. Maria não para.

### **In-conclusão**

Por aqui vamos encerrando este texto que objetivou, problematizar as narrativas das mulheres do congo como práticas de re/exis/tências ecologistas e seus atravessamentos com cotidianos escolares, potencializando experiências e a criação de espaços de convivências, dialogando com diferentes políticas cognitivas e epistemológicas, capturadas com narrativas inundadas por cheiros, sabores,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

risos, ritmos, saberes, poesias, sons, afetos, sentimentos e experienciais tecidas com as redes de conversações com os cotidianos da pesquisa.

E as conversas continuam com as mulheres do congo: Maria, Aparecida, Penha, Conceição, Madalena...e encerro com as palavras de uma canção que acompanhou o texto, "...Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre. Quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania, de ter fé na vida..." (NASCIMENTO, 2004).

### **REFERÊNCIAS**

- ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.
- \_\_\_\_\_. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. IN: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (ORG.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BISPO, S. **Desnudalmas**. Vitória, Espírito Santo. Editora GSA, 2008.
- BRASIL. Lei **10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- BRASIL. Lei **11.645/08** de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Paz e Terra, 2009.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MACIEL, C. **Negros no Espírito Santo**. OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Org). 2ª ed. – Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.
- NASCIMENTO, M. **Maria Maria**. Álbum: Maria Maria e o último Trem. Ano: 2004.
- REIGOTA, M. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 1999.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

\_\_\_\_\_. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**. Rio de Janeiro: ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>, acesso em: 31 jul. 2013.

SIMONE, N. [\*\*Ain't Got No, I Got Life\*\*](#). Álbum: Nuff Said. RCA. Ano: 1968

VASCONCELHOS, S. **Mulheres do Congo**. Cariacica, Espírito Santo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VnZVsXfG3AA> Acesso em 15 de agosto de 2016.